

A ESCRITA INFANTIL NA INTERNET: REGULARIDADES NOS USOS DA VÍRGULA EM UM BATE-PAPO VIRTUAL

Viviane Vomeiro LUIZ SOBRINHO¹

RESUMO: No âmbito dos estudos sobre as relações entre oralidade e letramento na internet, objetivamos caracterizar os usos não convencionais da vírgula em um conjunto de textos formado por “conversas” em uma sala de bate-papo virtual destinada a crianças entre 08 e 12 anos de idade. De uma perspectiva que privilegia a concepção heterogênea de escrita (cf. CORRÊA, 2004), tencionamos problematizar o conceito de “erro” com que a escrita (digital) é comumente caracterizada – seja pela escola, a qual deveria apresentar uma postura crítica frente às práticas escritas dos alunos, seja por profissionais envolvidos com a Língua Portuguesa, ou pela sociedade em geral. Contrapondo-nos a uma perspectiva normativa a respeito da pontuação, assumimos a vírgula como um recurso dialógico e multifuncional, o qual, junto com os demais sinais, marca um ritmo próprio da escrita e indicia a circulação do escrevente por diferentes práticas orais/faladas e letradas/escritas (cf. CHACON, 1998; CORRÊA, *idem*). Na análise do conjunto do material, encontramos as seguintes regularidades: (i) uso do sinal da vírgula, (ii) ausência desse sinal em locais previstos pela gramática, com (ii-a) ausência total da vírgula e (ii-b) ausência sobreposta a “quebras de linha” dos enunciados. As ocorrências do tipo (ii) são em maior número e porcentagem do que os de (i) e parecem indicar um traço da construção composicional de um gênero discursivo em emergência, no que tange ao uso não convencional da vírgula. Essa característica não parece ser “desregrada” e/ou pautada, apenas, na transcrição de aspectos do oral/falado na escrita de *chats* infanto-juvenis.

PALAVRAS-CHAVE: vírgula; heterogeneidade da escrita; internet; criança.

Introdução

A imersão de crianças na *web* provoca constantes debates entre pais, educadores, mídia e sociedade em geral. Frente a esse cenário, buscamos, neste artigo, refletir sobre a escrita na internet, com ênfase para a caracterização dos usos e das ausências de vírgulas na escrita de crianças que freqüentam a rede mundial de computadores.

¹ UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, Rua Cristóvão Colombo, 2265, Jd. Nazaré, CEP 15054-000, São José do Rio Preto, SP, Brasil, vivivomeiro@yahoo.com.br, Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu, FAPESP (processo 2008/01879-8).

O conjunto do material é composto por quatro horas de “conversa” produzida em uma sala de bate-papo virtual do Portal Terra, dirigida ao público infanto-juvenil de 08 a 12 anos de idade². Esses dados foram coletados em quatro dias úteis entre os meses de outubro e novembro de 2006, dados os propósitos de trabalho anterior desenvolvido em nível de Iniciação Científica³. Em cada um desses dias, procuramos registrar uma hora de conversação *on-line* – as quais foram armazenadas em documentos do WORD, para posterior análise.

A hipótese era de que a análise dos dados provindos de escreventes com essa faixa etária, nesse contexto de produção escrita, serviria para questionar se a escrita em *chats* (comumente observada como “escrita falada”) era de fato “prejudicial” para o chamado processo de aquisição da escrita escolar tradicional (comumente concebida como “pura” e correta). Estamos de acordo com Corrêa (2004), para quem a escrita é *heterogênea*, ou seja, os fatos lingüísticos e sociais da *oralidade/fala* e do *letramento/escrita* são indissociáveis – o que pode ser observado tanto na escrita dos bate-papos da internet como em outras práticas sociais, sejam elas escritas de maneira tradicional, como uma redação escolar, ou falada, como uma conversa cotidiana face a face.

Na próxima seção, procuramos situar como se constitui a escrita de *chat* a partir do conceito de *heterogeneidade da escrita*. Na seção seguinte, abordamos a vírgula como recurso de pontuação em uma perspectiva dialógica e multifuncional. Posteriormente, descrevemos o material de estudo, o bate-papo virtual. Em nossa última seção, expomos a análise de dados, com base nas regularidades encontradas.

² Chat Terra, idades: 8 a 12 anos, sala A. Disponível em: <http://www.terra.com.br>.

³ Trata-se do projeto de pesquisa em nível de Iniciação Científica, intitulado “A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet”, orientado pela Profª. Drª. Fabiana Cristina Komesu, na UNESP, com financiamento da FAPESP (processo 2007/01702-8).

A heterogeneidade da escrita em bate-papos virtuais

Na chamada Teoria da Grande Divisa, a qual remete a uma perspectiva dicotômica sobre as relações fala e escrita, as modalidades de realização da linguagem verbal (fala e escrita) são consideradas como dois “pólos” compostos por características antagônicas. Tais características são sistematizadas no quadro abaixo, retirado de Koch (2000, p.62):⁴

Quadro 01. Dicotomia entre fala e escrita.

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não-planejada	planejada
predominância do “modus pragmático”	predominância do “modus sintático”
fragmentada	não-fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena frequência de passivas	emprego freqüente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Retirado de Koch, 2000, p.62.

A partir do quadro 01, a escrita digital – com suas abreviaturas, pontuação não convencional, *emoticons* (carinhas), expressões onomatopéicas etc. – seria composta por características que se situam no “pólo” da fala, como a fragmentação, a pouca densidade informacional e o não planejamento. Ora, frente a essas evidências, talvez fosse correto

⁴Koch (2000), entretanto, se contrapõe à perspectiva da Grande Divisa ao compartilhar uma concepção de *continuum* entre os pólos – assim como Marcuschi (2000). Porém, apesar de afirmar que fala e escrita se inter-relacionam, nas extremidades do *continuum* ainda são preservadas dois pólos impermeáveis, em que fala e escrita parecem possuir características supostamente “puras”, conforme observa Corrêa (2004).

afirmar que em *chats* o que se presencia é uma fala que ocorre sob o “suporte” da escrita, ou seja, uma fala-escrita.

Em dissociação a esse ideário de fala-escrita digital, autores como Lévy (1993) e Crystal (2005) entendem a internet como um suporte que revolucionou a língua. As características dessa nova linguagem digital seriam, pois, diferentes das características da escrita e da fala – apesar de conglomerar aspectos das duas. Haveria uma progressão na complexidade das realizações lingüísticas na seqüência fala, escrita (convencional) e escrita digital, assim como na cognição de quem detém as modalidades mais “avançadas” da linguagem.

O que para esses autores indicia um novo modo de manifestação da língua, mediante certa idéia de desenvolvimento e progresso, pode ser entendido como uma evidência de que as práticas letradas/escritas dialogam constantemente com as orais/faladas, seja no computador ou fora dele, conforme observado por Corrêa (2004) em uma concepção heterogênea de escrita. Fala e escrita são entendidas, na perspectiva desse autor, como dois modos semióticos indissociáveis e, como práticas lingüísticas, são, ao mesmo tempo, indissociáveis de suas práticas sociais de oralidade e de letramento.

De acordo com Corrêa, há um imaginário de como a escrita deve acontecer na sociedade. Essa representação, ao definir o que é a escrita, não se restringe a uma imagem construída apenas pelo escrevente, mas atinge as demais pessoas que a retomam e participam de sua *re-criação*. O imaginário social não é, de acordo com o autor, uma falsificação do real, ao invés, se dá pela materialização lingüística entre os agentes sociais e a escrita por meio de práticas que direta e indiretamente as compõem. Dessa perspectiva, a escrita configura um caráter de *não acabar*: é um *processo* (real) e não um produto (acabado e ideal) que se materializa na forma gráfica.

O escrevente, em Corrêa (2004), circula e apreende o imaginário da escrita em três eixos distintos, a saber: (a) *a representação da gênese da escrita*; (b) *a representação do código escrito institucionalizado*; (c) *a dialogia com o já falado/escrito*. Esses três eixos de circulação do escrevente dialogam com e se relacionam constantemente entre si, reflexo da dialogicidade da linguagem, não apenas restrita à escrita.

Em uma concepção heterogênea de escrita, o que supostamente poderia caracterizar a escrita digital como uma fala-escrita ou como um novo modo (supostamente mais avançado) de enunciação é, antes, a evidência de que a escrita não é pura – ou homogênea, conforme se defende na Grande Divisa –, pois a todo instante as práticas letradas/escritas dialogam com as orais/faladas, seja no computador ou fora dele. O suporte tecnológico, no entanto, não pode ser considerado em dissociação com a linguagem, já que o suporte também pode influenciar certas realizações gráficas, na medida em que disponibiliza recursos como teclado, *mouse* e *softwares*, os quais perpassam as realizações lingüísticas na relação entre escrevente e leitor, no tempo de envio e no de recebimento dos textos e nas ocorrências gráficas consideradas não convencionais na escrita *padrão*, diferentes das prescritas na tradição escolar, em especial.

Centrados em Bakhtin (1997), observamos que as características constitutivas de bate-papos virtuais – conforme as mencionadas no início dessa seção – parecem compor enunciados com características próprias desse ambiente virtual, as quais aproximam certo tipo de *chat* de um diálogo informal, por um lado, e, por outro, evidenciam que esses recursos pictográficos e lingüísticos constroem efeitos de sentido próprios desse gênero discursivo em emergência, distinguindo-o e contrastando-o com os demais gêneros. São as vivências e as práticas sociais e históricas, nem sempre concentradas no

âmbito escolar, ou em manuais, que constituem os gêneros do discurso e dotam o texto e a palavra de sentido. No *chat* o ato de conversar cotidianamente ganha novos contornos, já que ocorre *on-line* por meio da tela do computador, mas é a dialogicidade desse gênero discursivo que promove sentido às mensagens, verbais ou não verbais, constituídas entre os usuários da rede.

Considerações sobre a vírgula como recurso de pontuação

A vírgula, assim como os demais sinais de pontuação, são marcas gráficas específicas das práticas letradas/escritas, mas seus empregos, muitas vezes, são correlacionados com aspectos da oralidade/fala. Para vários autores que compartilham de uma perspectiva tradicional, fundados na gramática normativa, a vírgula serviria para marcar, na escrita, as pausas da fala. É nessa perspectiva teórica que se situam Bechara (1999), Lima (1963) e Cunha & Cintra (2001), os quais recorrem à idéia de que a vírgula é um recurso sintático, que marca pausas no discurso.

Luft (2001), que também pode ser tomado como gramático prescritivo, discorda da vinculação que sempre é estabelecida entre vírgula e pausas, afirmando que esse sinal tem uma função sintática e que seu uso não se relaciona a critérios de ordem prosódica. Contudo, em uma leitura atenta de Luft (2001), percebemos que esse autor retoma, em alguns momentos de sua argumentação, de forma breve e superficial, o conceito de marcação de pausas (da fala) pelos sinais de pontuação – o que expressa uma dificuldade em desvincular os fatos letrados/escritos dos orais/falados na descrição e/ou exposição de “regras” de uso da vírgula, assim como de outros sinais de pontuação.

No estudo da escrita de *chats*, e da pontuação de uma forma geral, o apego às regras da gramática normativa, pelo escrevente, parece não garantir clareza e “sucesso” a uma interação. Com base em Chacon (1998) e em Corrêa (1994) – os quais propõem que a concepção de pontuação seja ampliada –, não consideramos a flutuação no modo de pontuar como “desvio” da regra, mas como indício da circulação do escrevente entre diferentes práticas orais/faladas e letradas/escritas.

Para Chacon, a pontuação demarca o *ritmo da escrita*, conceito que se relaciona com a organização de sentidos no discurso pelos sinais de pontuação. Nas palavras do autor: “o sentido é gerador de ritmo, assim como o ritmo é gerador de sentido, os dois inseparáveis, uma vez que toda unidade rítmica é, ao mesmo tempo, um grupo sonoro e um grupo de sentido” (CHACON, 1998, p.21). Ligada à expressão do escrevente e à espacialização da linguagem, a pontuação ocorre, segundo Chacon, em diversas dimensões da linguagem (fônica, sintática, textual e enunciativa). Todas elas, organizadas de forma não-isomórfica, ligam-se ao ritmo da escrita por meio da enunciação e apontam para o *aspecto multidimensional da linguagem*.

No que tange, de forma específica, à vírgula, segundo Chacon (1998), esse sinal de pontuação pode indicar, em determinadas situações, uma quebra da continuidade da escrita, por meio da qual o escrevente marca a presença do outro – o que pode ser observado também no uso dos demais tipos de pontos. A vírgula inserir-se-ia, nessa perspectiva, como uma indicação do escrevente de uma possível forma de ler e entender o enunciado. O sentido, no entanto, pode variar, já que não está preso ao material gráfico da escrita ou ao funcionamento lingüístico; prende-se, antes, a todo um contexto de dizeres e sentidos que dota o enunciado, e sua pontuação, de um ritmo próprio em uma determinada situação de comunicação.

Ao compartilhar uma perspectiva teórico-metodológica próxima, Corrêa (1994) afirma que a pontuação, em vez de separar e/ou segmentar as partes do texto, proporciona uma ligação entre as partes e um movimento ao texto. Ligada à estruturação do texto, a pontuação desencadeia um processo de coesão textual e de integração semântica. Para Corrêa, “o que se entende normalmente como o isolamento gráfico de partes do enunciado por meio de pontuação não se mostra propriamente como isolamento, mas como integração semântica com o resto do enunciado e com o texto como um todo” (Ibidem, p. 55).

Em Chacon (1998) e Corrêa (1994), portanto, a pontuação deixa de ser concebida como uma transposição, na escrita, de aspectos da oralidade/fala para ser vista, mais propriamente, como uma característica lingüística do sistema semiótico da escrita. Pode-se considerar que as reflexões de Chacon (1998) e de Corrêa (1994) contribuem com o presente trabalho na medida em que adotam uma perspectiva mais crítica, a qual ultrapassa tanto a prescrição de regras, quanto as possibilidades de realizações da vírgula e dos demais sinais de pontuação.

No caso do material em análise, a não realização das regras da gramática normativa, por parte do escrevente de textos de *chat*, pode indicar uma imagem que o escrevente constrói sobre o que é a (sua) pontuação, assim como a (sua) escrita, em ambiente digital. O suporte tecnológico pode motivar maneiras singulares de uso (ou de ausência) da vírgula, por retomada, em alguns momentos, do ritmo da fala, como pausas e entonação, ao demarcar certo movimento e integração semântica à “conversa” na rede.

O bate-papo virtual: breve caracterização

De maneira geral, um bate-papo virtual pode ser definido como uma “conversa” entre duas ou mais pessoas, que acontece em tempo real pela internet. Também pode ser denominado *chat* – termo de origem inglesa, que é usado popularmente para designar esse ato de interação pela rede. Esta forma de se comunicar acontece principalmente sob a forma escrita e está situada entre as mudanças introduzidas pelo uso do computador a partir da década de 90 do último século, período em que a informática, antes restrita a grupos militares e a acadêmicos, começou a se popularizar.

Apesar de existirem diferentes tipos de bate-papos, conforme frisa Araújo (2004), não há consenso quanto as suas classificações entre os estudiosos da linguagem. Recorremos em nosso trabalho a Marcuschi (2004), pesquisador que, ao discorrer sobre a emergência de novos gêneros textuais na internet, enumera e descreve brevemente diferentes *chats* de acordo com características tecno-funcionais: bate-papo virtual em aberto, bate-papo virtual reservado, bate-papo virtual agendado, bate-papo virtual em salas privadas, entrevista com convidados e aula *chat*. Identificamo-nos com Marcuschi, pois, para esse autor, cada um desses bate-papos remeteria a diferentes tipos de textos digitais.

O bate-papo em aberto foi escolhido como material para nosso trabalho. Nossa escolha foi motivada por dois fatores: (i) nesse tipo de *chat* existem ambientes voltados para a participação de crianças e adolescentes; (ii) nesses ambientes, os textos produzidos são de acesso público, o que facilitou a obtenção de material por parte da pesquisadora. O portal Terra disponibilizava salas dirigidas ao público infanto-juvenil, compreendendo a idade de 08 a 12 anos, assim, poder-se-iam nelas encontrar usuários com idade inferior à das demais salas deste e de outros *sites* de significativo acesso na rede.

Para uma caracterização dos bate-papos em gerais devemos citar que neles há alternância entre os participantes da conversa *on-line*, o que o torna um ambiente virtual síncrono⁵, simultâneo ou não, a depender do tipo de interação. De maneira específica, o *chat* em aberto distingue-se dos demais por possuir caráter público – qualquer usuário pode acessá-lo – e garantir certo anonimato durante as interações, já que não há forma alguma de exposição da identidade do escrevente, o qual utiliza um *nickname* (apelido) para acessar a sala pretendida.

No bate-papo pesquisado, o sistema suporta no máximo 40 (quarenta) pessoas, simultaneamente, em cada sala virtual. O provedor, responsável por interligar todas as pessoas da sala, sempre introduz os (novos) apelidos por meio de uma mensagem automática, juntamente com um *emoticon* (“carinha”) padrão. Mensagens automáticas também informam a saída de usuários do bate-papo. Entradas e saídas são bastante comuns, o que causa uma grande “movimentação” nesse ambiente – chegando a se observar mais de um escrevente entrando e/ou saindo da sala pesquisada por minuto –, o que implica uma forma de ler e de se relacionar com a escrita e com o interlocutor no bate-papo em aberto, juntamente a uma nova maneira de escrever, de interagir e de enunciar nessa prática social “digital”, situada em nosso tempo histórico.

As regularidades do uso da vírgula no material em análise

À procura de uma categorização inicial do bate-papo pesquisado, em um primeiro momento levantamos o número de *nicknames* (apelidos), de páginas produzidas, quando transpostas para documento do *WORD*, e de mensagens

⁵ O conceito de sincronidade em bate-papo digital refere-se à alternância de enunciados trocados em tempo real entre participantes *on-line*.

encontrados em cada uma das quatro horas de “conversas” analisadas. A tabela abaixo quantifica as “conversas”, numeradas a partir da ordem de coleta:

Tabela 01. Categorização inicial dos dados coletados.

	“Conversa” 01	“Conversa” 02	“Conversa” 03	“Conversa” 04
apelidos ⁶	69	92	95	85
páginas produzidas ⁷	52	76	84	51
mensagens	675	1019	1125	668

Nesse ambiente de interação síncrona, a pontuação não-convencional compartilhada entre os usuários chamou-nos a atenção, pois, se os sinais de pontuação são indicados pela gramática normativa como essenciais para uma “boa comunicação” escrita, a partir de uma perspectiva de *heterogeneidade* da escrita intriga-nos como a acentuada ausência de vírgulas pode não interferir na comunicação entre escreventes em um *chat*. Na análise de como esse recurso de pontuação ocorre no conjunto de enunciados pesquisados, verificamos: (i) uso do sinal da vírgula, independentemente de seu emprego estar (ou não) de acordo com as regras da gramática tradicional; (ii) ausência do recurso da vírgula, com: (a) locais sem nenhuma marca, apesar de prescritos pela gramática normativa; (b) ocorrências de segmentação por “quebra de linhas” coincidentes com locais onde a vírgula poderia ser inserida. A tabela abaixo procura expor a quantidade dessas ocorrências no *corpus*:

⁶ Incluindo o da pesquisadora. Destacamos o fato de que cada apelido não se refere necessariamente a uma pessoa distinta, pois o sistema permite que um mesmo usuário entre em uma sala com dois ou mais apelidos simultaneamente. Por outro lado, dois ou mais apelidos parecidos podem não representar um mesmo usuário.

⁷ Documento *WORD*, páginas A4, margens *default*, espaço duplo entre mensagens e espaço simples no corpo das mesmas.

Tabela 02. Quantidade de ocorrências relacionadas à vírgula como recurso de pontuação nos enunciados pesquisados.

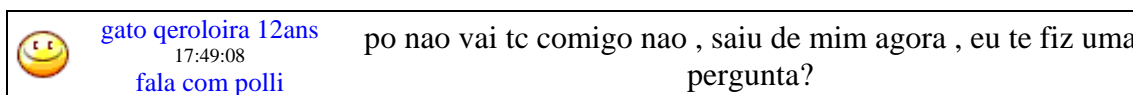
Sinal da vírgula		“Conversa” 01	“Conversa” 02	“Conversa” 03	“Conversa” 04
(i) uso		43	41	17	13
(ii)	(a) total ausência	154	294	350	145
	(b) quebra de linha	23	26	10	21

Conforme os números revelam, a ausência de vírgulas nos dados é mais freqüente e, por isso, pode ser tomada como mais significativa para investigação. Distinguímos, no entanto, a total ausência desse recurso da “quebra de linha”, pois, nesse último caso, apesar de o escrevente não grafar o diacrítico convencional, ele indica para seu leitor um caminho de leitura do enunciado, o que não o faz no outro tipo de ocorrência.

O não digitar da vírgula pode ser motivado pelo suporte tecnológico e por uma “velocidade” própria do chamado “mundo virtual”; contudo, a forte ausência desse sinal de pontuação pode não se justificar apenas pela técnica e pela suposta agilidade do escrevente, pois parece estar associada de forma mais íntima a um gênero do discurso emergente, às circunstâncias pragmáticas da enunciação e à própria estrutura da língua. Procuramos discutir, na próxima seção, essas ocorrências, tanto no que tange ao uso quanto à ausência desse sinal da pontuação.

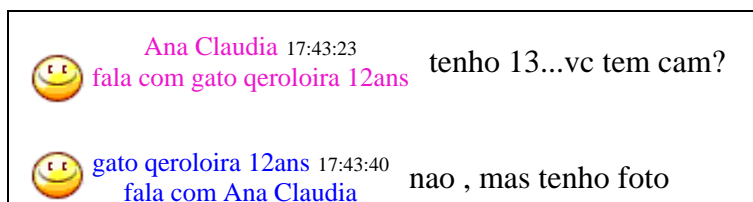
Uso de vírgulas

O uso de vírgulas, apesar de ser pouco freqüente no *chat* pesquisado, nem sempre é de acordo com a norma, o que aponta para uma flutuação na maneira de pontuar dos escreventes, conforme o dado a seguir:



Exemplo 01. Uso de vírgulas.

Em uma escrita considerada padrão, o enunciado de *gato qeroloira 12ans* poderia ser pontuado da seguinte maneira: “*Pô! Não vai teclar comigo, não? Saiu de mim agora? Eu te fiz uma pergunta!*”. Esse escrevente parece utilizar-se de vírgulas para marcar a mudança de entoação de cada oração, sem se preocupar em pontuar a interjeição (*Pô!*) que inicia sua mensagem. Já na interação do mesmo usuário com outra suposta garota, na mesma “conversa”, temos:

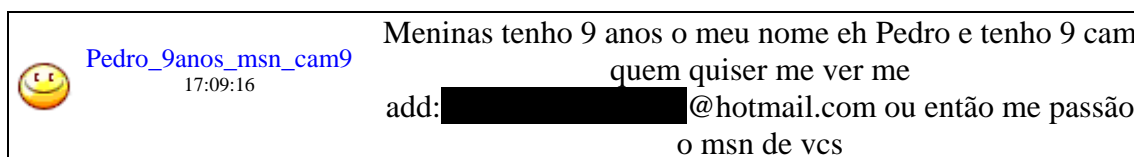


Exemplo 02. Uso de vírgulas.

Ana Claudia diz para *gato qeroloira 12ans*: “*Tenho 13 [anos]... Você tem [web]cam?*”; e o interlocutor responde: “*Não, mas tenho foto.*” Nesse caso, o escrevente utiliza-se do sinal da vírgula de acordo com a norma padrão ao separar as duas orações. Se considerarmos que esse “acerto” se dá pela participação de *gato qeroloira 12ans* em práticas letradas/escritas, os exemplos 01 e 02 podem indicar uma flutuação na maneira de o escrevente pontuar – os dados são evidências, com base em Corrêa (2004), do processo de aquisição do sistema de pontuação e, também, do processo da escrita.

Ausência de vírgulas

Pode-se considerar que os enunciados dos escreventes do *chat* pesquisado são, sobretudo, curtos, estereotipados e prototípicos, sendo a ocorrência da ausência de vírgula habitual no contexto de bate-papo virtual em aberto. Esse fato pode apontar para um dos traços constitutivos de um gênero discursivo em emergência, composto por tipos de enunciados relativamente estáveis. Estruturas muito semelhantes são utilizadas pelos usuários para iniciar uma conversa (“oi tudo bem”, “oi quer tc”), trocar *e-mails* de MSN Messenger⁸ (“tem msn gata”, “sim e vc”) e perguntar a idade do interlocutor (“tem qtos anos linda?”, “10 e vc?”). Podemos observar nesses enunciados prototípicos a ausência total de vírgulas em lugares prescritos pela gramática normativa – para separar, por exemplo, vocativos, expressões como “por favor”, “ok”, “tá”, elementos enumerados etc. A ausência total desse recurso da pontuação também pode ser observada em frases longas e com estrutura sintática mais complexa, como vemos em:

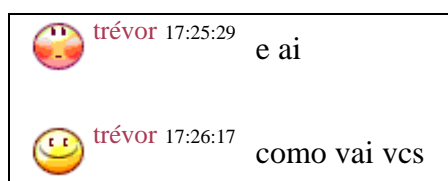


Exemplo 03. Ausência total de vírgulas.

Segundo a norma culta, *Pedro* deveria escrever: “*Meninas, tenho 9 anos, meu nome é Pedro e tenho webcam. Quem quiser me ver, me adicione: [redacted]@hotmail.com, ou então me passe seu MSN.*” O escrevente deveria utilizar-se de vírgulas para colocar em evidência a coordenação das orações, assim como para separar o vocativo que inicia a frase. Não apenas o emprego da vírgula – e do

⁸ O MSN Messenger é um programa de comunicação em tempo real, no qual os escreventes podem interagir, pela fala ou pela escrita, e podem ainda se ver, por fotos ou *webcam* (câmera digital), em ambiente (virtual) reservado.

envio da mensagem. Sem ponto algum depois do último grafema, o final de cada linha é constituído pelo espaço em branco que indica um local “vazio”, ausente de componentes lingüísticos. O “vazio”, por sua vez, significa e, por meio dele, o sujeito marca em seu texto digital dimensões (fônica, sintática, textual ou enunciativa) da linguagem de uma maneira que pode ser considerada não-convencional do ponto de vista da modalidade escrita padrão, em acordo com estudos de Chacon (1998). Com enfoque em locais nos quais vírgulas poderiam ser inseridas, expomos o exemplo abaixo:



Exemplo 05. Quebra de linha.

Podemos observar que *trévor* envia duas mensagens à sala virtual, de forma genérica, com menos de 50 segundos de tempo entre ambas. Segundo normas gramaticais, a expressão (“e aí?”) deve vir separada por vírgula, o que permitiria que se intercalassem duas frases interrogativas: “*E aí, como vão vocês?*”. O emprego de “vcs” não apenas coincide com um outro turno com uma “carinha” diferente – mais simpática, em que o escrevente exprime uma imagem menos tímida que na primeira –; coloca em evidência também o momento em que *trévor* deixa de chamar a atenção para si e convida os outros a se exporem. A dinâmica do deslocamento do *eu* para o *outro* é marcada nessa transição na estrutura do enunciado, mediante “quebra de linha”. A pontuação não-convencional, no exemplo 05, é um modo utilizado pelo escrevente para a construção de sentidos e liga-se a aspectos dialógicos, assim como ao suporte tecnológico, envolvidos na enunciação na rede.

Além disso, a segmentação do enunciado por meio da “quebra de linhas” pode ser uma tentativa de *trévor* marcar, na (sua) escrita, fronteiras prosódicas existentes entre as duas frases quando pronunciadas, sendo essa uma maneira encontrada pelo escrevente de representar aspectos do oral/falado no letrado/escrito. Esse dado evidencia a circulação de *trévor* pelo eixo da *representação da gênese da escrita* (cf. CORRÊA, 2004)⁹. Motivações prosódicas e enunciativas, em um único dado, apontam para o aspecto multifuncional da linguagem, presente na pontuação não convencional.

Esse processo que denominamos como “quebra” também ocorre em enunciados mais complexos, mais longos, compostos por várias orações, nos quais podemos presenciar mais de uma “quebra”.¹⁰ O que chamamos de “quebra de linha” parece ser um recurso para que o escrevente imprima ritmo e constitua sentido na (sua) escrita, de um modo que não seria possível em outros tipos de textos, como o produzido em situação escolar tradicional.

Considerações finais

No que se refere à pontuação, os dados analisados colocam em evidência a indissociabilidade entre oralidade/fala e letramento/escrita, seja na internet ou fora dela, e apontam para a *heterogeneidade constitutiva da escrita* (digital), indicando que o chamado “internetês” não é uma fala-escrita desregada. Na busca por rastros da relação que os sujeitos estabelecem com a linguagem no suporte digital, assumimos que a

⁹ Segundo Corrêa, a gênese da escrita, o primeiro eixo de circulação do escrevente sobre o imaginário da escrita, “é o modo de constituição da escrita em sua suposta gênese. Refere-se aos momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade, situação em que tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal” (CORRÊA, 2004, p.10).

¹⁰ Para maiores exemplificações sobre a “quebra de linha”, assim como das outras ocorrências, conferir Luiz Sobrinho (2007).

escrita na internet, ou fora dela, é um *processo* de enunciação, indissociável, portanto, da relação com a história e com a sociedade. A reflexão empreendida ao longo do trabalho mostra, pois, a necessidade de o professor e/ou o pesquisador buscar descobrir o modo pelo qual um enunciado foi produzido e, dessa maneira, instaurar um novo olhar para as produções textuais de crianças, assim como as de outros escreventes.

Apesar de, desde a década de 80, professores e demais profissionais envolvidos com o ensino da Língua Portuguesa no Brasil buscarem novas formas de interpretar os supostos “erros” de seus alunos, a escrita do bate-papo virtual na internet – talvez por ser “extra-escolar” e não se constituir como matéria de ensino – ainda é reduzida ao já questionado “erro”. Acreditamos que as práticas escritas de crianças na internet, à luz da análise lingüística, podem contribuir para uma pedagogia mais próxima da vivência das crianças ao auxiliar pais e professores a refletirem sobre conceitos como os de “erro”, relacionados à imagem da escrita como um produto puro e acabado.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, J. C. R. A Conversa na *web*: o estudo da transmutação de um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A.C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.91-109.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2 ed. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.277-326.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CHACON, L. *Ritmo da Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORRÊA, M. L. G. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: ABL/Mercado Aberto, nº 24, ano 13, 1994. p. 52-65.

_____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Trad.: Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KOCH, I. V. *O texto e a construção do sentido*. 4ªed. São Paulo: Contexto, 2000.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio*. 9ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1963.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

LUIZ SOBRINHO, V. V. *A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). São José do Rio Preto. Univ. Est. Paulista, Inst. de Biociências Letras e Ciências Exatas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____ & XAVIER, A.C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.